

The Beatles, Música Popular e Sociedade: Pós-graduações e Bibliografias

Mike Brocken, PhD brockem@hope.ac.uk

As notícias do novo programa de mestrado desenvolvido pela Liverpool Hope University por este escritor foram divulgadas na mídia mundial em março de 2009. O mestrado em *música popular e sociedade dos Beatles* atraiu uma quantidade enorme de atenção da imprensa e do público; afinal, foi o primeiro programa desse tipo no mundo que, trabalhando na interdisciplinaridade acadêmica dos estudos de música popular, concentrou-se nos Beatles e Liverpool. Há aproximadamente 20 anos, existia um corpo de trabalho que colocava os estudos de música popular como um todo em uma estrutura acadêmica crescente. Escritores como Frith, Laing, Longhurst, Negus, Shuker *et al.* dera ao pesquisador de música popular textos importantes a considerar (consulte o apêndice (i): 'Textos de Estudos de Música Popular Seleccionados'). No entanto, embora também houvesse literalmente milhares de livros, artigos de jornal e artigos de jornal sobre os Beatles durante esse período, poucos eram "acadêmicos", como tais, e dentre os que eram, vários tendiam a usar métodos ultrapassados de música e literatura. análise.

Portanto, havia uma necessidade extrema de um programa de pós-graduação acadêmica dedicado a fornecer aos alunos uma ferramenta de decodificação para entender muitos dos escritos que cercavam as raízes e flores dos Beatles, a importância desses artistas seminais (e da cidade de Liverpool) em vida comercial e contemporânea e seus vínculos com os principais conceitos sobre como a música popular pode ser estudada. O programa de mestrado foi, portanto, projetado para examinar o significado e o impacto da música dos Beatles na construção de identidades, audiências, etnias e indústrias e localidades; ao fazê-lo, sugeriria maneiras de entender a música popular como uma prática social e como a música popular poderia ser organizada como uma evocação discursiva do lugar. Além disso, em uma consideração da música popular como texto, estudos semióticos seriam empregados,

O estudo da cidade de Liverpool e sua relação com os Beatles e sua música estavam atrasados. Vários textos acadêmicos sérios relacionados à música popular, lugar e identidade (por exemplo, Connell e Gibson (2002), Inglis [ed.] 2000, Longhurst (2007), Stokes [ed.] (1994) etc.) forneceram visões acadêmicas e abrangentes dessas complexidades da música popular, no entanto, o novo programa ensinado se propôs a examinar uma área de estudo mais específica dentro dessa estrutura acadêmica de música popular mais ampla: a geografia cultural de Liverpool e sua associação com a música popular da década de 1960. Existiam questões sérias baseadas em pesquisas, como: como a retórica que cerca a localidade se estabelece rapidamente em torno de Liverpool e dos Beatles; como certas narrativas da música popular local foram marginalizadas ou amplamente ignoradas (incluindo aquelas envolvendo os Beatles - que às vezes são consideradas "populares demais" para serem estudadas); por que existiam muitos livros relacionados aos Beatles, estilo vaidade, produzidos localmente; como as questões turísticas dos Beatles em torno da localidade, lugar e espaço são hierárquicas; todas essas questões (e mais) exigiram um exame mais aprofundado.² Sara Cohen (1991, 1994, 2005, 2007, etc) já havia sugerido que esses fatores estavam / estão relacionados a questões maiores sobre como a prática cotidiana pode se vincular novamente a produtos e expressões culturais modernas. Foi, em parte, como resposta ao trabalho inspirador de Cohen que o programa de mestrado foi desenvolvido.

Quão popular 'arte' (ou como este escritor prefere sugerir 'teknik') pode ser definida e estudada em termos racionais, cognitivos e normativos, e não através de um "mistério", um conhecimento ou uma série de slides de lanternas coloridas do musical "incognoscível", continua a estar no centro de todas essas investigações. Portanto, o foco central do programa era ser um entendimento acadêmico dos mundos em que os Beatles emergiram e como esses mundos eram refletidos, contestados, apoiados e negados pela criatividade, pela presença e status dos Beatles. e a música deles. Os alunos participantes seriam chamados a pesquisar, investigar e apresentar assuntos que refletissem todos esses problemas. Eles seriam convidados a interrogar preocupações como localidade e lugar, música na vida cotidiana e turismo musical na cidade, e considerar historicamente a atividade de música popular em Liverpool e arredores. Ao fazer isso, eles também criariam pesquisas sustentáveis para estudiosos do futuro.

Após um rigoroso programa de validação na Liverpool Hope University, as notícias sobre o curso chegaram à imprensa durante o semestre da primavera de 2009. Por mais de dois meses, houve um pandemônio no Departamento de Música de Liverpool Hope, enquanto a mídia mundial focava a atenção no novo programa. A maioria dos escritores, mesmo com um mínimo de entendimento das complexidades da cultura popular, apoiou o MA; um punhado (que, no processo, mostrou sua raiz na iluminação burguesa, juntamente com uma ignorância de como *qualquer* estudo significativo capacita o indivíduo) não o fez. O escritor eminente Ray Connolly foi preciso em sua estimativa do conteúdo do programa. Parte do artigo de Connolly para o *Daily Mail* incluía a seguinte declaração:

Curiosamente, o que geralmente é esquecido é a influência subliminar do Programa BBC Light na música dos Beatles. A BBC pode ter tido pouco tempo para o rock and roll nos anos cinquenta (você tinha que ouvir a Rádio Luxemburgo para isso), mas o que fez foi apresentar à nação uma base sólida em uma ampla variedade de música popular, de árias de Puccini a mostre músicas e jazz - principalmente pelos Favoritos da Família de Duas Vias de domingo, um programa que praticamente todo o país ouviu. Para um garoto tão musical quanto o jovem Paul McCartney, essas várias influências eventualmente floresceriam em uma dúzia ou mais de hits clássicos dos Beatles de 'Ontem' e 'Quando eu tiver sessenta e quatro', a 'Eleanor Rigby', 'Penny Lane,' Lady Madonna 'e' Let It Be '. De fato, parte do que tornou os Beatles tão excepcionais e particularmente britânicos, era a variedade deslumbrante de estilos que eles demonstravam nos anos sessenta, das imagens surrealistas do Goon Show aos cálices, das valsas aos sons do recinto de diversão. Portanto, outra parte do meu curso seria mostrar como os Beatles pegaram o rock and roll americano, juntaram-no à experiência britânica e depois o venderam de volta à América e ao mundo, geralmente contendo imagens de Liverpool. Os alunos seriam convidados a fornecer exemplos. ¹³

O biógrafo dos Beatles Hunter Davies também comentou:

Não sei o que levou a Universidade Liverpool Hope a tanto tempo. Estudos acadêmicos sérios sobre os Beatles vêm sendo realizados em faculdades e universidades em todo o mundo há quase 30 anos. Originalmente, eram pequenos campus nos EUA que começaram a oferecer módulos dos Beatles, mas depois gradualmente maiores, lugares melhores seguiram o exemplo. ⁴

Tais observações (e muito mais) forneceram evidências de que muitos consideravam toda a cultura popular, com sua suntuosidade cinética, digna de um estudo sério.

No nível pessoal, um debate acadêmico tópico do século XXI também estimulou diretamente o desenvolvimento do programa de mestrado. Houve recentes alegações do ramo mais "formal" da musicologia de que os Estudos de Música Popular apenas existiam dentro das competências de toda a "musicologia". Essa alegação efetivamente impediu não apenas minhas próprias qualificações de pós-graduação em Estudos de Música Popular, mas também sugeriu que eu estava efetivamente desperdiçando meu tempo nos últimos 20 anos. Mas quando me inscrevi para estudar mestrado no Instituto de Música Popular da Universidade de Liverpool, decidi não estudar "música", mas "música popular". Tais pronunciamentos, portanto, estavam questionando toda a minha *raison d'être* por estar envolvido na vida acadêmica. Pareceu-me que um jogo de recuperação, pouco disfarçado de discurso, havia surgido daqueles que haviam descartado métodos e abordagens de música popular em primeiro lugar. Agora, parecia, havia um terreno metodológico comum. Com a criação de um novo programa de pós-graduação, essas questões convidaram esse escritor a repensar não apenas suas próprias credenciais como estudioso de Estudos de Música Popular, mas também porque, no século XXI, certos musicólogos haviam decidido se apropriar da música popular (e historicamente específico sobre essa apropriação).

O musicólogo Richard Middleton (1990) sugeriu, há muito tempo, que havia pelo menos três áreas em que a musicologia formal falhou em levar em conta seus próprios termos de referência hierárquicos, especialmente quando aplicados de maneira inadequada ao popular: os usos carregados de valor da terminologia, os problemas com metodologia inadequada (particularmente o uso de notação) e a ideologia ultrapassada que apóia os usos da musicologia na reprodução de gostos e hierarquias vinculados a poderosos grupos sociais. Middleton sugeriu que tais métodos ocultos não podiam lidar de maneira convincente com o popular por causa de uma raiz nos conceitos relacionados ao valor. O ato de fazer e ouvir música popular (com todas as estratégias enunciativas que implica) não pode, ele sugeriu, ser meramente redutível a um "conhecimento" de uma "linguagem" musical,

Estudos da vida cotidiana e suas associações com atividades de música popular (canto, leitura, escrita, conversação, caminhada etc.) sugerem que os relacionamentos determine seus termos (não o contrário): cada indivíduo é um locus para comunicações incoerentes, contraditórias e pluralistas. Talvez enquanto certos musicólogos se preocupem com uma espécie de abordagem singular de "metodologia como verdade", estejam convencendo-se de que "conhecem" o passado através de seus próprios métodos pré-escolhidos, e que esses métodos podem realmente se apropriar da música. Como historiador da música popular, estou notavelmente alarmado quando conceitos particulares

são considerados "dados": óbvios e (especialmente no que diz respeito à música) "atemporais". Por meio desses clichês, surgem com frequência oxímoro: o "popular", em geral, é discutido em relação ao próprio tempo, que é efêmero ou "aqui hoje e se foi amanhã", enquanto, mais especificamente, os Beatles são considerados "artistas" que têm tempo transcendido: "atemporal".

Com o desenvolvimento do programa de mestrado e uma reconsideração concomitante da minúcia metodológica dos estudos de música popular, fui revigorado e mais uma vez incentivado que o conhecimento histórico da música popular nunca pode se basear em uma disciplina limitada e singular, especialmente quando essa disciplina, de acordo com Brian Longhurst ⁵ (2007), "usa termos carregados de valor". A linearidade temporal implícita na análise baseada em partituras da música popular deve sempre ser cortada por um elemento da lateral. Dessa maneira, afiliações, que não pressupõem o excesso de confiança de um pronunciamento proléptico (isto é, que esse é o modo de fazê-lo, e sempre deve ser assim), são implacavelmente propostas. A música popular é um horizonte espacial, através do qual podem ocorrer afiliações e desafiliações; portanto, um *vários* critérios para escolher como se estuda música popular devem ser aproximados. Ao fazer isso, podemos ver claramente que todos os significados dados à música são cinéticos, apesar do tempo e do espaço.

Portanto, as tradições segundo as quais a cultura popular tenta se definir não são singulares, mas ecléticas. O resultado é que historicamente o popular é gloriosamente "sem direção" e amorfo. Através dos Estudos da Música Popular, os significados itinerantes podem ser examinados por suas autenticidade e valores contextuais inerentes. O Popular Music Studies utiliza a interdisciplinaridade na tentativa de entender as complexidades da imagem sonora, ajudando-nos no processo de questionar "dados" na sociedade. De fato, os Estudos de Música Popular nos ajudam a transformar questões principalmente preocupadas com valor musical, político, estético, ético e cultural em discursos. Nós nos apropriamos, rearticulamos e damos novos significados às estruturas geradoras da música. Eles existem dentro de uma estrutura sintagmática de conotações que refratam, não refletem, e continue a fazer perguntas sobre valores e autenticações politizadas. Naturalmente, qualquer interdisciplinaridade que sugira instruções amplamente distribuídas é implicitamente desafiadora! No entanto, através de uma consideração contínua de métodos e abordagens tão variadas, esse escritor continua esperando que os materiais reunidos pelo programa de mestrado da Liverpool Hope University possibilitem, nos próximos anos, novas considerações rigorosas sobre nosso mundo, nossa julgamentos de valor e como usamos a palavra "arte" (para não mencionar pesquisas igualmente meticulosas sobre a localização histórica dos Beatles).

O que é uma bibliografia anotada dos Beatles?

Recebi meu primeiro PC 486 em 1994, alugado para mim como cortesia da loja de aluguel de TV da Radio Rentals em Chester e rapidamente comecei a transferir minha bibliografia até agora escrita à mão dos Beatles para essa nova fonte digital. Como leitor insaciável dos Beatles, esse processo bibliográfico havia começado para mim anos antes. Sempre foi seletivo, nem sempre totalmente preciso, e sempre esteve vinculado a meus próprios interesses específicos de pesquisa. Por exemplo, eu não incluí resenhas de discos, raramente incluí materiais de entrevista e colecionei apenas alguns artigos de

jornal: de interesse para mim apenas se fosse da perspectiva local ou do negócio da música ⁶. Depois dos planos para *os Beatles, a Música Popular e a Sociedade* Como o MA havia sido ratificado pela Liverpool Hope University, ocorreu-me que esse material não seria apenas útil para o primeiro grupo de estudantes, mas também precisava de anotações; e, portanto, esse projeto começou a sério em 2010. Fui acompanhado na tarefa por dois estudantes de pós-graduação. Ambos fizeram parte dessa primeira coorte de MA 2009-2010. Melissa Davis, educadora de Denver, Colorado e igualmente voraz leitor dos Beatles (mas com muito mais atenção aos detalhes do que eu!), Ajudou nos processos de anotação, edição e leitura, enquanto Angela Ballard, uma bibliotecária apaixonada pelos Beatles de Wixford perto Stratford-Upon-Avon, adicionei várias anotações às minhas.

Provavelmente, existe um elemento de investigação forense em qualquer bibliografia anotada, pois tais anotações concedem ao leitor um relato de pesquisa sobre um determinado tópico. Como qualquer bibliografia, uma bibliografia anotada é uma lista alfabética de fontes de pesquisa. No entanto, além dos dados bibliográficos, uma bibliografia anotada também fornece sempre que possível alguma avaliação de valor ou relevância. Dependendo dos critérios de pesquisa, uma bibliografia anotada pode ser uma etapa de um projeto de pesquisa maior, ou pode ser, como neste caso, um projeto independente por conta própria. Porém, embora essa bibliografia anotada seja abrangente, ela não é de forma alguma completa, pois a qualidade e a utilidade de qualquer bibliografia dependem da seleção dos materiais de origem. Definindo o escopo da pesquisa (neste caso, Beatles, e textos relacionados a Liverpool, preocupados com a cultura e a música populares) com cuidado, para que o pesquisador possa fazer julgamentos razoáveis sobre o que usar, é uma parte essencial do estoque do anotador. Conseqüentemente, embora alguns textos possam ter sido omitidos por engano (pelos quais pedimos desculpas), outros estão ausentes pelo que consideramos falta de relevância direta. Por exemplo, mesmo que eles contenham inúmeras referências e entrevistas com os Beatles ou outros grupos de Liverpool da década de 1960, a maioria das antologias de rock genéricas etc. das últimas quatro décadas não foram incluídas. Da mesma forma, embora existam inúmeros textos sobre a história da cidade de Liverpool, apenas aqueles que foram julgados se referem a áreas do discurso popular ou são recomendados para pesquisadores dos Beatles.

Quando consideramos cada texto, percebemos, evidentemente, que alguém realmente o escreveu, talvez tenha reescrito, que foi originado, publicado e até republicado para servir às demandas contextuais em mudança. Por exemplo, as edições publicadas nem sempre são idênticas e os textos revisados indicam contextos sociais e musicais cinéticos significativos. Sempre que possível, essas revisões são observadas, pois as revisões sugerem que o desenvolvimento e a atualização autoral podem ter ocorrido. Essa percepção então convida o pesquisador a olhar mais longe, não apenas os textos em si mas também nos costumes indicativos nos textos. Textos são representações oferecidas ao público como resultado de relações entre certos tipos de racionalidade e imaginação. Eles contêm sugestões experimentais misturadas com confirmações pragmáticas. Existem táticas processuais em um texto que marcam estágios das investigações práticas do escritor e das representações ideológicas estratégicas. É aqui que uma anotação anexa pode ajudar o pesquisador, pois pode sugerir claramente que os gêneros de escrita são contextuais, metafóricos, retóricos e teóricos. E, embora muitos escritos

listados aqui possam parecer se preocupar com gêneros e personalidades-chave da música popular, eles também são criados e apoiados pela *escrita* contextual igualmente baseada em gêneros e redes. Por exemplo, tornou-se cada vez mais claro, à medida que a compactação prosseguia, que uma espécie de "narrativa evolucionária" da escrita dos Beatles se recompunha e, às vezes, involuntariamente comentava instâncias anteriores de seu próprio gênero e subgêneros literários. Por exemplo, divisões provocadas pela publicação de economias de escala, uma "elite" de jornalismo do rock (inversamente, uma inventividade artesanal), redes de publicação locais e baseadas em fãs, etc., são aparentes. Dados demográficos crescentes, cânones da iconografia nacional e os requisitos de publicação de agências multinacionais também colocaram os escritos dos Beatles em subconjuntos históricos interessantes.

Subconjuntos

A maioria dos textos dos Beatles entre 1961 e 1968 (digamos de Bill Harry até Hunter Davies) foram destinados demograficamente a faixas etárias específicas, e talvez até a um gênero específico. No entanto, a partir do texto de Hunter Davies, vemos os Beatles sendo discutidos em termos diferentes e através de diferentes idiomas talvez utópicos que cercam a política, a contracultura e as idéias progressistas sobre a música popular. De fato, vemos uma "semiocracia" emergindo em torno dos Beatles sobre o que pode ser descrito como uma "seriedade do rock" emergente. Após a dissolução do grupo, os textos mudam mais uma vez à medida que a "década dos Beatles" dos anos 60 (nunca foi assim, é claro) se torna uma "era" histórica de autenticidade que não pode mais ser recuperada. No Reino Unido, as popularidades subsequentes são comparadas e contrastadas com os Beatles e na imprensa musical britânica, artistas como David Bowie e Marc Bolan são pesados contra os Beatles. John Lennon até "autoriza" David Bowie e Elton John, enquanto Marc Bolan é "sancionado" por Ringo Starr através do *Nascido no filme Boogie* ². É claro que os ex-Beatles solo também são reavaliados contra as obras canônicas dos Beatles.

Revistas de trabalho em série serializadas, como no Reino Unido *The Story of Pop*, são publicados para catalogar e re-apresentar a era do rock 'n' roll para aqueles que passaram a levar a música popular cada vez mais a sério. O aparecimento desta revista no início dos anos 70 vincula-se não apenas aos textos de música popular imediatamente anteriores (como Dave Laing (1968), Nik Cohn (1969), Richard Mabey (1969)), mas também aos comentários culturais de (por exemplo, Stuart Hall e Paddy Whannel (1964), Jeff Nuttall (1968) e George Melly (1971), todos no final da década de 1960, vendo a cultura popular como algo digno de estudo. Aqui, a implicação é que importantes questões socioculturais podem ser levantadas por e através de um estudo da música popular. Não apenas a música era evidentemente de mais importância do que o crédito inicialmente concedido, mas também os discursos populares em torno de (por exemplo) fãs, subculturas, brechas entre gerações etc. Essas publicações são, *Anatomia do Pop* (1971) e *Tudo que Você Precisa é Amor* (1976 em diante). Filmes britânicos como *That'll Be The Day* (1973) e *Stardust* (1974) e filmes norte-americanos como *American Graffiti* (1973) contribuem para o crescente status de repertório do rock 'n' roll.

Durante a década de 1970, o número de textos britânicos e americanos publicados [pós-] relacionados aos Beatles (artigos, ensaios, livros etc.)

acompanha o ritmo, enquanto as discussões sobre a década de 1960, os Beatles como originadores, as atividades *post hoc* dos ex-membros do grupo, todos emergem de uma nova geração de escritores de rock que cresceram nas décadas de 1950 e 1960, por exemplo, Lester Bangs, Peter Frame, Lenny Kaye, Greil Marcus, John Tober, Chris Welch, Jann Wenner *et al*. Isso é causado, em parte, pela imprensa clandestina anterior em ambos os países, revistas como a *Rolling Stone* dos EUA, *Crawdaddy* e *Creem* e, no Reino Unido, *Let it Rock*, *Zig Zag*, junto com os "inkies" britânicos ⁸*Criador de melodia e sons*. Uma crescente gravidade literária envolve os ex-membros dos Beatles; os pedidos de reuniões se tornam comuns, como se, embora houvesse uma infinidade de artistas dignos durante a década de 1970, todos eles, de alguma forma, exigem "liderança". No rock progressivo do Reino Unido, o jazz / rock, o folk e os cantores e compositores da costa oeste dos EUA tendem a dominar esse "jornalismo sério de rock", pelo menos até 1977, e Lennon e Harrison (mas talvez não McCartney ou Starr), recebem um nível de capital cultural de tais escritos baseados em gênero, sendo vistos como mais "sofisticados" musicalmente (talvez até intelectualmente) do que não apenas seus ex-colegas, mas também suas próprias encarnações da década de 1960.

Durante a metade do final da década de 1970, a estética pós-moderna baseada no punk alcançou certa maturidade, criando no processo uma reavaliação literária da música popular da música dos "primeiros Beatles". Os três primeiros álbuns dos Beatles são considerados por escritores como os britânicos Kris Needs e John Ingham, e nos EUA John Holmstrom e Legs McNeil, como clássicos do "poder bruto", liderando parcialmente como fizeram com os (até então inspiradores) Música de garagem dos EUA de meados da década de 1960, daí o punk. Durante esse período, no entanto, as asas raramente recebem autenticidade popular da mesma maneira. O grupo é julgado pela imprensa do rock como tendo um apelo talvez mais popular e uma base de fãs pop "menos séria" (ao invés de rock) em todo o mundo. Aparecem poucas obras importantes sobre Paul McCartney, além do material biográfico habitual baseado em fãs, artigos sobre sua produção "irregular", relatos das turnês de Wings, especulações sobre reuniões e críticas a ele como uma espécie de "peso leve" musical. O ressurgimento de John Lennon na arena da música popular via, a princípio, um single ("Just Like Starting Over" - 24th outubro 1980), e depois um álbum (*Double Fantasy* - 17th novembro 1980) - ambos inicialmente considerada pela imprensa musical do Reino Unido para ser um pouco carente, musicalmente - é logo seguido por sua morte trágica em 8th Dezembro de 1980.

Após a morte de Lennon, tais eventos, atitudes, valores julgadores e ideologias contribuem para a redefinição da literatura dos Beatles de uma vez por todas, pois a reunião mitológica já não pode mais ocorrer. Uma infinidade de textos pós-dezembro de 1980 passa a criar um certo tipo de consistência literária que contribui para um determinado *fato postfusão* iconográfica, cada um dependente para validação do outro. Um suposto folclore dos colecionadores dos anos 80, a criação de um mundo inferior cada vez mais autêntico dos anos 60 e o pré-punk dos anos 70, e as imagens de John Lennon como mártir são lançadas contra um presente medonho. Por meio de uma verdadeira superfluidade de mercadorias (como textos escritos), as épocas passadas tornam-se "lugares" históricos metafóricos, onde quase se pode "escapar" do hediondo mundo pós-Lennon. ⁹Alguém poderia argumentar que escritores subsequentes (de fato até os dias atuais) continuaram a "compor" uma cultura da década de 1960, os Beatles e John Lennon, um espetáculo ligado ao

princípio do fetichismo das mercadorias: o domínio da sociedade por "coisas" ". O mundo perceptível é substituído por conjuntos de imagens "coletivas" e colecionáveis do passado: supostamente superiores ao mundo do qual, ironicamente, essas imagens emanaram quase imperceptivelmente. No que diz respeito ao texto escrito, o status "acordado" do receptor dessa forma de conhecimento (como fã, conhecedor, historiador) contribui para pelo menos uma ocultação parcial de nosso status como consumidor e, através do retórica astuciosa da modalidade, coloca em primeiro plano o leitor como um co-colaborador falso. Tais eventos literários são reunidos através da matriz de festivais, fins de semana, aniversários, guest appearances, and collectors' fairs which para enviar todos os ingredientes necessários para manter a receita de um universo paralelo.

Fragmentos

Para o anotador, textos de tal nostalgia afirmativa, composta como folclore, são de grande interesse. Pode-se observar que um continuum de trabalhos técnicos usando técnicas semelhantes funcionou em toda a literatura dos Beatles nos últimos trinta anos. Essas narrativas históricas foram definidas por sistemas com poder autoral centralizado (como nos anos 80, os da *Pierian Press*, *Beatlefan*, etc) e foram cimentadas por meio de vocabulário e sintaxe reconhecidos (particularmente evidentes na infinidade de textos de referência). A crescente seriedade obsessiva de colecionar, juntamente com as incursões da academia, associaram-se para autorizar eventos, opiniões, discografias e recordações administrados dentro de um campo não apenas de sistemas musicais, mas linguísticos. A presença e circulação de informações de tais redes de usuários aprova certos tipos de textos, particularmente aqueles que estabelecem os Beatles como um "presente" para o mundo, e via interlocutores cria um contrato por e através dessas redes. Os escritores emergem como atores sociais por direito próprio, autenticando-se de maneiras muito específicas. Por exemplo, alguns tentam nos dar idéias sobre os Beatles como indivíduos e como eles se misturavam com outros personagens. Outros escritores mesclam seus retratos dos Beatles com histórias culturais contextuais, como por exemplo, radicalismo político (ou inversamente cultura de consumo) durante a década de 1960. Talvez seja de maior interesse para esse escritor o modo como esses textos se relacionam com a demanda de precisão do historiador, e a observação da regulamentação desses "fragmentos" dos Beatles continua sendo de grande significado histórico.

Para o historiador da música popular e etnógrafo, "fragmentos" podem ser vistos como uma miscelânea de atividades relacionadas (no nosso caso particular) aos Beatles. Mas Lars Kaijser (2010) ¹⁰ afirma corretamente que esses fragmentos dos Beatles podem tender a colocar uma ênfase maior no presente, e não nos períodos reais de tempo em que o grupo existia. Para o Kaijser, os fragmentos são melhor visualizados como sinodoques ou metônimos: em outras palavras, eles inevitavelmente se vinculam a contextos variáveis e maiores (e às vezes potencialmente mais interessantes). Isso pode estar relacionado à tendência das narrativas dos Beatles ou aos discursos de autenticação baseados no contexto do rock; eles podem ser diálogos geográficas de importância política, ou representações de mudanças sociais (por exemplo, em Liverpool) durante o final-20th século, etc. Todas essas lógicas relacionais podem ser encontradas em praticamente todos os textos dos Beatles / Lennon, antes e depois da morte de John Lennon. Portanto, embora

os fragmentos ajudem a criar mundos históricos próprios, eles também são fontes de referência publicamente funcionais e contextuais. Como os fragmentos são ordenados de forma síncrona e síncrona, e como eles contribuem para estruturar as obras dos escritores (como eles podem produzir afetos nos leitores, etc.), revela muito sobre as políticas contextuais de entrada na equação do folclore literário dos Beatles.

Tais textos são, portanto, parte de um campo de investigação quase "arqueológico", pois fragmentos frescos podem ser trazidos à mesa. Por exemplo, como em uma escavação arqueológica, os itens ainda aparecem: uma nova foto, uma nova lembrança, uma música antiga, um novo livro etc. Então, para os escritores das histórias dos Beatles, existe quase um documento mitológico definitivo de quais perguntas e respostas podem ser estabelecidas e a partir das quais o senso de proporção e sentimentos de um autor por essa autoridade e pela apresentação dentro dessa autoridade pode ser determinado. De fato, escrever sobre os Beatles se tornou um argumento bíblico e, embora um fragmento histórico possa ter emanado dos Beatles, ele não precisa (de fato, não pode) permanecer o mesmo. Uma certa "configuração de fragmento" ocorre para que quaisquer "novos" fragmentos "se encaixem" dentro da ordem dominante da historiografia dos Beatles. Essa homologia literária serve não apenas à rede de suporte acima mencionada, mas às vezes cega o escritor a qualquer potencial criatividade flexível. Existe, portanto, um corpo inteiro de restrições literárias, um conjunto de convenções; precisamente como cada escritor parafraseia imagens e imaginações dos Beatles e como a autenticidade é conotada está no nexa desta investigação na historiografia dos Beatles.

Crítica de redação

O termo crítica de redação conota os métodos e abordagens pelos quais um pesquisador investiga como um editor ou autor expressa uma perspectiva por meio do arranjo e edição de materiais-fonte pré-existentes. Como sugerido acima, asserções tecidas em narrativas relativas aos Beatles são freqüentemente tacitamente direcionadas a um cânon historiográfico dos Beatles, uma maneira de fazer coisas que representam autenticidade. Por exemplo, o trabalho de Bob Spizer aborda o impacto dos Beatles da perspectiva de um autêntico colecionador de discos dos EUA, enquanto o trabalho de Pete Best tenta abordar a ausência de "fatos autênticos" nas crônicas anteriores. Spencer Leigh gosta que o leitor considere a autenticidade da cultura britânica antes do surgimento dos Beatles, enquanto Bob Neaverson considera que os filmes dos Beatles são autênticos documentos históricos. As motivações de um autor, portanto, podem ser conotadas através de sua coleção, arranjo, edição e modificação de materiais e na composição de novos materiais, ou a criação de novas formas dentro das tradições de (digamos) outras narrativas da música popular. A escrita relacionada aos Beatles pode ser vista como uma espécie de movimento de estratos, um jogo de espaços, onde os interesses do leitor são reconhecidos *pelo* escritor, e não o contrário, tornando o texto parte do "habitus" dos Beatles.

A atividade de pesquisa ou inatividade também é detectável de várias maneiras interessantes. Por exemplo, as tradições das quais o escritor escolhe incluir ou excluir podem ser identificadas por um anotador capaz de perceber quais fontes pré-existentes um escritor incorpora em sua obra (comum nos textos dos Beatles). O anotador procura padrões que revelem um princípio de seleção e

esse princípio de seleção pode ser uma pista dos interesses políticos do escritor. Como um escritor organiza materiais escolhidos das fontes também é de grande interesse: o anotador considera como um escritor organiza idéias anteriormente díspares ou reorganiza o material das fontes para se adequar a seus propósitos. O anotador procura padrões em como um escritor organiza os materiais em uma estrutura narrativa discernível (veja, por exemplo, a anotação do texto de Pattie Boyd); esses padrões podem revelar a visão de mundo do autor (ou autor fantasma). Se a intenção é escrever um texto de referência "definitivo", o anotador questiona como essa atividade está relacionada aos interesses ou status do escritor (por exemplo, de uma coleção de objetos pessoais ou como uma voz de autoridade). O arranjo processual de um texto pode ser examinado para considerar como o autor pode mudar a ênfase de certos aspectos da história dos Beatles. Também o próprio arranjo das histórias pode ser examinado para considerar como a estrutura geral do texto se encaixa no significado e significado do cânone literário dos Beatles, ou de outra forma (por exemplo, veja a referência de Albert Goldman); tudo isso é o que pode ser descrito como "análise crítica da composição". Se a intenção é escrever um texto de referência "definitivo", o anotador questiona como essa atividade está relacionada aos interesses ou status do escritor (por exemplo, de uma coleção de objetos pessoais ou como uma voz de autoridade). O arranjo processual de um texto pode ser examinado para considerar como o autor pode mudar a ênfase de certos aspectos da história dos Beatles. Também o próprio arranjo das histórias pode ser examinado para considerar como a estrutura geral do texto se encaixa no significado e significado do cânone literário dos Beatles, ou de outra forma (por exemplo, veja a referência de Albert Goldman); tudo isso é o que pode ser descrito como "análise crítica da composição". Se a intenção é escrever um texto de referência "definitivo", o anotador questiona como essa atividade está relacionada aos interesses ou status do escritor (por exemplo, de uma coleção de objetos pessoais ou como uma voz de autoridade). O arranjo processual de um texto pode ser examinado para considerar como o autor pode mudar a ênfase de certos aspectos da história dos Beatles. Também o próprio arranjo das histórias pode ser examinado para considerar como a estrutura geral do texto se encaixa no significado e significado do cânone literário dos Beatles, ou de outra forma (por exemplo, veja a referência de Albert Goldman); tudo isso é o que pode ser descrito como "análise crítica da composição". de uma coleção de recordações pessoais ou como uma voz de autoridade). O arranjo processual de um texto pode ser examinado para considerar como o autor pode mudar a ênfase de certos aspectos da história dos Beatles. Também o próprio arranjo das histórias pode ser examinado para considerar como a estrutura geral do texto se encaixa no significado e significado do cânone literário dos Beatles, ou de outra forma (por exemplo, veja a referência de Albert Goldman); tudo isso é o que pode ser descrito como "análise crítica da composição". Também o próprio arranjo das histórias pode ser examinado para considerar como a estrutura geral do texto se encaixa no significado e significado do cânone literário dos Beatles, ou de outra forma (por exemplo, veja a referência de Albert Goldman); tudo isso é o que pode ser descrito como "análise crítica da composição". Também o próprio

arranjo das histórias pode ser examinado para considerar como a estrutura geral do texto se encaixa no significado e significado do cânone literário dos Beatles, ou de outra forma (por exemplo, veja a referência de Albert Goldman); tudo isso é o que pode ser descrito como "análise crítica da composição".

A continuidade entre os autores também é examinada; onde a mesma ideia ou uma ideia semelhante é repetida e / ou modificada (por exemplo, no que diz respeito às habilidades de gerenciamento de Brian Epstein), aumenta a probabilidade de vários autores acharem que permanece um aspecto até então relativamente inexplicável da "história dos Beatles". Mudanças nos significados dos contextos originais também são observadas. Quando se pode estabelecer que um escritor altera ou ignora contextos (por exemplo, quando Liverpool como um local é mal interpretado, generalizado ou encoberto, reduzido a estereótipos etc.), é explorada a possibilidade de que essa mudança tenha sido motivada de maneira redacional. . As costuras usadas para juntar fragmentos de materiais aceitos dos Beatles também continuam a ser de grande interesse: por exemplo, muitos livros de fotografias dos Beatles criam "transições" de um fragmento da história para outro através do *doxologia post hoc ergo propter hoc* ¹¹ . A maneira como as fotografias são posicionadas em um texto pode ser usada para conectar tempo e espaço através de uma linearidade ("depois disso, veio isso") quando, historicamente, essas conexões não devem necessariamente ser feitas. Além disso, os interesses e propósitos do fotógrafo / autor podem ser estimados por meio de "transições": que, digamos, um "fotógrafo dos Beatles" (por exemplo, Robert Freeman, Ian Wright, etc.), possam desejar, não apenas expressar a máxima máxima de que o "Câmera não mente", mas também deve ser considerada pessoalmente indispensável à comitiva dos Beatles em momentos importantes da história.

Muitos dos objetivos não são apenas historiográficos, mas também sociológicos, no sentido de que os autores refletem, ou até se opõem, certas construções sociais. Mas esperamos não ser reducionistas: nem todas as formulações relacionadas aos Beatles são consideradas tendenciosas ou mantas para uma apologética social. Nossas aplicações das metodologias discutidas até agora também variam dependendo da visão dos anotadores da conformidade do texto com o cânone das histórias dos Beatles. Não acreditamos que esse passado possa ser capturado "como realmente era", nem acreditamos em uma completa integridade histórica. Portanto, uma aplicação de nossos métodos críticos para redação toma como ponto de partida a suposição de que, por uma razão ou outra, o texto é relativamente historicamente "confiável". Com essa suposição, o anotador é capaz de procurar os objetivos redacionais de um escritor, além de manter a confiabilidade historicamente relacional do texto. No entanto, onde toda a confiabilidade histórica e contextual de certos textos aparecer em dúvida, a conclusão será que o (s) autor (es) pode ter falsificado as narrativas existentes para se adequar a seus próprios propósitos redacionais. Em casos extremos, podemos até concluir que pouco do que foi escrito reflete uma realidade histórica, além daquela que nos leva à história social do autor.

Os textos

Mesmo o exame mais superficial das anotações, quando publicadas, revelará domínio por escritores americanos e norte-americanos após dezembro de 1980. Além disso, há também o domínio das mitologias americanas das histórias

variáveis dos Beatles. Por exemplo, que John Lennon era inquestionavelmente "político" no sentido universal. Que ele também era incontestavelmente um "gênio" de algum tipo, e que sua vida pós-Beatles era historicamente mais "significativa" do que sua existência durante a "era" dos Beatles. Além disso, que os britânicos o haviam subestimado de maneira estranha. É claro que tudo isso é compreensível: a morte de Lennon nos EUA não apenas produziu um sentimento de culpa coletiva do rock, mas também moderou essa culpa com confiança no local de residência escolhido por Lennon. Walter Podrazik informou Larry Kane (2005) que "os outros Beatles tinham lugares na América, mas John deixou claro, através de sua luta de imigração, que a América era sua escolha. Ele amava as liberdades e queria desesperadamente morar aqui. Na opinião de muitos, John havia se tornado americano por sua decisão dedicada de lutar para ficar aqui" ¹². Essa visão, é claro, contraria os depoimentos do radialista da BBC Andy Peebles e do amigo de John Lennon Joe Flannery, que tinha conversado com John pouco antes de sua morte, sugerindo que Lennon os informou independentemente de que estava se preparando para retornar. Iar do Reino Unido, com pelo menos uma turnê em mente.

Portanto, nossas anotações às vezes sugerem que tais mitologias levaram a mal-entendidos e interpretações errôneas do grupo não apenas como uma manifestação britânica, mas também do norte da Inglaterra. A educação hepática dos Beatles, especificamente baseada em classe, em uma cidade geograficamente no noroeste da Inglaterra, mas não necessariamente delineada de maneira consistente por seus próprios habitantes, tem sido quase sempre ignorada, ou talvez intencionalmente mal interpretada por muitos escritores. favor do estereótipo penetrante que faz uma "reivindicação" cultural e mostra um senso de propriedade de John Lennon. O que emerge desses textos é uma prescrição dos Beatles: tudo aparece na ordem histórica correta, mas é apenas um simulacro: uma vaga, semelhança vaga e sombria. Tais alegações, portanto, levaram a uma indiferença às leituras britânicas (e até alemãs) dos Beatles, o ambiente das culturas populares de onde surgiram, e o regionalismo cultural e crítico e o chauvinismo indígena que os cercaram e os "produziram" como indivíduos. Esse status talvez mais variado e variável do grupo no Reino Unido, e de fato sua cidade natal de Liverpool, raramente foi abordado completamente pelos textos canônicos por medo de expor as complexidades e ambiguidades da recepção dos Beatles. No Reino Unido, os Beatles fizeram parte de um ataque preexistente ao status da arte e da cultura na sociedade britânica e europeia; eles contribuíram para vários processos que reconectaram as formas de arte e artesanato à práxis da vida. As respostas de diferentes comunidades britânicas em diferentes momentos,

Talvez a presença de tantos títulos publicados sugira que somos (e os Beatles eram) parceiros com incerteza: qualquer "verdade" por trás da existência dos Beatles é algo a ser desafiado; talvez, também, a palavra verdade seja, na verdade, uma figura de linguagem auto-referencial, incapaz de avaliar nosso mundo, sem falar na breve aparição dos Beatles nele. Um fato parece claro: os Beatles e os anos 60 foram transformados em algum tipo de Disneylândia histórica: uma alegoria da sociedade de consumo, em vez de uma representação histórica da práxis na mesma; os Beatles são um site de iconismo absoluto (e não, digamos, um resultado autêntico da sociedade britânica do pós-guerra). Sob essas circunstâncias quase bíblicas, muitos textos listados aqui nos informam que os fãs devem concordar em se comportar como outros fãs, expoentes de diferentes sensibilidades são ostracizados. De acordo com essa matriz, se um fã paga a admissão, ele / ela pode ter uma abundância

consideradas insustentáveis (por exemplo, aqueles que não se importam com os derramamentos musicais do grupo ou com os quocientes de nostalgia criados por essas imagens dos Beatles e dos Beatles). Década de 1960). Tal nostalgia, na verdade, aponta para o esgotamento dos recursos culturais e da criatividade de suas próprias apresentações, pois a possibilidade de descobertas e argumentos novos e inesperados é geralmente negada. Mas este não é o fim da história, pois outro estrato diz respeito à tendência hagiográfica de todos os textos dos Beatles: que a própria palavra "Beatles" pode ser interpretada como uma metáfora essencialista da autenticidade atemporal. Essa noção mítica e transcendental de uma arte quase divina cria, na verdade, um tipo de meme esotérico, poético e mágico que coloca os Beatles fora da música popular e separa o grupo da sociedade. É uma representação convenientemente estática em um mundo de embarcações cinéticas. Desde que o programa de mestrado começou, um ou dois estudantes sugeriram a esse escritor que os Beatles agora são um "gênero", mas nada poderia ser menos apropriado, pois os gêneros são apaixonadamente contestados; neste caso, os Beatles são inequívocos. meme mágico que coloca os Beatles fora da música popular e separa o grupo da sociedade. É uma representação convenientemente estática em um mundo de embarcações cinéticas. Desde que o programa de mestrado começou, um ou dois estudantes sugeriram a esse escritor que os Beatles agora são um "gênero", mas nada poderia ser menos apropriado, pois os gêneros são apaixonadamente contestados; neste caso, os Beatles são inequívocos.

Nessas representações, a ambiguidade é rejeitada, a ambivalência é desconsiderada, a certeza é reforçada e é criada uma estrutura que torna a experiência credível apenas em relação ao já conhecido - as pretensões intelectuais do círculo interno, a satisfação da necessidade residual da criação. de uma tradição que representa o ícone dos "Beatles". No entanto, historicamente, os Beatles lutaram na Grã-Bretanha em um ano (1963) de novas trajetórias políticas: ajudaram a representar publicamente a marcha subsequente de idéias "progressistas" (com qualquer inflexão política mais precisa que seus adeptos individuais escolhessem acrescentar). Mas, com o tempo, foram deixadas para trás por diferentes épocas, simbolizadas pela morte de um (e depois outro) dos membros do grupo, ao qual muitos escritores reagiram tornando-se apáticos, incertos e protecionistas. Tais eventos históricos fornecem aos escritores uma auto-imagem alegre: são árbitros da verdade política e líderes de torcida por uma nostalgia coletiva. Aqui testemunhamos escritores atuando como indivíduos, mas dentro de uma ordem detectável: um sistema autoestabilizador ao estilo de Ayn Rand, no qual a arrogância histórica desempenha um papel significativo. Existe um consenso subconsciente supervalorizado como um discurso em que os significados "êmicos" subsumiram os da "ética". Quando escrever sobre a cultura popular atinge tais estágios de auto-absorção, a práxis (a própria condição que caracteriza o modo como a música popular funciona na sociedade, em primeiro lugar) deixa de ser refletida. mas dentro de uma ordem detectável: um sistema autoestabilizador ao estilo Ayn Rand, no qual a arrogância histórica desempenha um papel significativo. Existe um consenso subconsciente

supervalorizado como um discurso em que os significados "êmicos" subsumiram os da "ética". Quando escrever sobre a cultura popular atinge tais estágios de auto-absorção, a práxis (a própria condição que caracteriza o modo como a música popular funciona na sociedade, em primeiro lugar) deixa de ser refletida. mas dentro de uma ordem detectável: um sistema autoestabilizador ao estilo Ayn Rand, no qual a arrogância histórica desempenha um papel significativo. Existe um consenso subconsciente supervalorizado como um discurso em que os significados "êmicos" subsumiram os da "ética". Quando escrever sobre a cultura popular atinge tais estágios de auto-absorção, a práxis (a própria condição que caracteriza o modo como a música popular funciona na sociedade, em primeiro lugar) deixa de ser refletida.

Um exemplo desse revestimento histórico "êmico" diz respeito aos textos de John Lennon. Aqui podemos ver que os "Estudos de Lennon" evoluíram um pouco separadamente dos "Estudos dos Beatles". Essa é uma consequência inevitável da morte prematura de Lennon nos Estados Unidos, e resultou não apenas na negligência histórica de outros Beatles (e talvez no rebaixamento de suas produções musicais posteriores como não canônicas, em comparação com a de Lennon), mas também também simplificação excessiva aguda, provocada pelo processo de lendas que se transformam em símbolos culturais. As lendas podem sobreviver como narrativas vivas, desde que contenham três elementos essenciais: primeiro, as lendas devem conter um apelo forte, porém básico, à história; em segundo lugar, eles devem ter algum tipo de fundamento na realidade e, em terceiro lugar, devem conter mensagens ou moral significativas. A "história" de Lennon não é apenas envolvente, mas também "verdadeira", e, portanto, (ou "ele") pode ostensivamente nos ensinar lições valiosas. Talvez um dos textos mais duradouros de Lennon seja o de Jon Wiener, que faz um grande apelo pelo caráter "político" de Lennon. No entanto, para construir esse animal político, o autor aceita um dado importante, mas impreciso: que a educação de Lennon era basicamente "classe trabalhadora"; como sugere James McGrath (2010): "Se Wiener se referisse às origens de McCartney, Harrison ou (especialmente) Starr, a complexidade da classe na Grã-Bretanha do pós-guerra teria sido mais aparente, como seria a educação de Lennon". No entanto, para construir esse animal político, o autor aceita um dado importante, mas impreciso: que a educação de Lennon era basicamente "classe trabalhadora"; como sugere James McGrath (2010): "Se Wiener se referisse às origens de McCartney, Harrison ou (especialmente) Starr, a complexidade da classe na Grã-Bretanha do pós-guerra teria sido mais aparente, como seria a educação de Lennon".¹³ Tais fragmentos simplesmente precisam ser omitidos porque não podem ser formatados para as imagens predeterminadas de John Lennon do escritor (ao contrário, talvez, daquelas que foram montadas assiduamente, mas de forma conformativa).

O que, alguém poderia perguntar, da erupção das publicações britânicas após a morte de Lennon? De que fonte inspiradora específica surgem essas fontes? Estes tendem a ter agendas muito específicas e talvez possam ser divididos aproximadamente em quatro seções desiguais. Em primeiro lugar, aqueles decorrentes dessa coleção de *litteratos* dos Beatlesque desenvolveram

suas habilidades escrevendo para revistas e jornais de música popular britânica do final dos anos 1970 e 1980 (daí a inclusão nesta bibliografia de vários artigos de revistas de música popular britânica sobre os Beatles de Andy Davis, Peter Doggett, Mark Lewisohn e Spencer Leigh) Como nos Estados Unidos, esses escritores reconhecidos geralmente tentam produzir crônicas, e é ao longo de tais projeções planas que se pode colocar o trabalho de Mark Lewisohn. Mas as crônicas são estratégicas, pois seus criadores tendem a supor que as eras podem ser circunscritas pela documentação linear baseada em minúcias. A presença de tais sistemas implica que se pode informar com precisão o leitor "como foi". Isso pode ser altamente problemático para o historiador, pois tais obras servem de base a uma racionalidade didática em que qualquer potencial de táticas escriturais emanadas do leitor é reduzido a praticamente nulo. Poucas lacunas, silêncios são sempre expostos, espaços para argumentos ou interpretações são restritos, e leituras polimórficas de contextos diferentes, mas significativos, são negadas - existem, de fato, poucas descobertas alegremente erráticas: temos, em vez disso, o atestado físico e literário de uma vitória para espaço autoral sobre variação temática.

Em segundo lugar, há escritores que, talvez se sentindo deixados de fora da história, recorreram à publicação menor de editor-com- vaidade (por exemplo, Roy Adams, Alf Bicknell, Sam Leach) para, por assim dizer, "nivelar o campo histórico". Como produtores e poetas não reconhecidos de suas próprias narrativas, as práticas significantes de tais escritores consistem em trajetórias que obedecem a lógicas e diatribes interessantes. Por exemplo, embora esses textos de vaidade sejam compostos por vocabulários conhecíveis, eles permanecem fiéis ao seu status anteriormente proibido. Cada traços escritor fora *seus* interesses e *seus* desejos em nome dos Beatles e, como tal, eles são muitas vezes vistos como não tendo sido capturado pelos sistemas de publicação, tendo sido criado por algum tipo de "do-it-yourself" *bricolagede* desenvoltura. Geralmente, isso também significa que essas edições evitaram a presença de um editor ou subeditor e, portanto, podem ser reconhecidas por uma falta consumada de expurgação no sentido formal, criando assim literatura que é frequentemente considerada "abaixo" dos estratos de "autorizada". Literatura dos Beatles. No entanto, muitos desses textos têm um valor enorme, pois frequentemente lidam com histórias ocultas que mais interessam aos historiadores, como aquelas relacionadas à localidade, gênero, raça, gênero e fandom. Por outro lado, alguns podem provar ser muito menos do que sustentar historicamente, lembrando, por exemplo, conversas de mais de 40 anos atrás, literalmente.

Existem também guias e histórias de Liverpool, Merseybeat e "Beatles Venues"; por exemplo, os apresentados por Ron Jones, Ray O'Brien e David Bedford. Tais guias e histórias oferecem predominantemente narrativas brancas com pouca consideração de outros pontos de vista culturais. Na verdade, o assunto da raça em Liverpool e como isso afetou os Beatles de uma perspectiva sociopolítica do Reino Unido é amplamente ignorado. Os liverpudlianos negros costumam ser, pelo menos parcialmente, escritos a partir dessas narrativas, apesar de Liverpool ser o lar das mais antigas comunidades negras da Grã-Bretanha, que datam pelo menos da década de 1730. Os papéis desempenhados por Black Liverpoolians na vida musical da cidade foram assumidos, apesar das constantes lutas por reconhecimento social - na verdade, sobrevivência. Às vezes a cidade economicamente, politicamente, e institucionalmente se importava muito pouco com a existência de sua população negra. Historicamente, para alguns negros, as artes criativas e

performáticas têm sido componentes vitais em atos de contingência e ação individual. É claro que as circunstâncias econômicas, políticas e sociais criaram possibilidades entre os hepáticos negros para ajudar a representar o que, para outros hepáticos, podem ser apenas formas básicas de atividades sociais. Atos criativos de cantar, dançar, tocar instrumentos musicais, criar grupos, produções teatrais, entreter membros da família, a participação na igreja surgiram com grande valor simbólico para os envolvidos (o Pavillion Theatre em Lodge Lane, em Liverpool 8, é um desses locais de "Merseybeat" com uma pré-história longa e complexa).

Alguns textos relacionados-Beatles acadêmicos têm emanava da geração de 1990 e 21st pesquisadores de estudos de música popular do século. Eles se materializaram daqueles que desejam em grande parte desenvolver estudos acadêmicos contextuais não apenas dos Beatles, mas também de seus públicos e locais de importância (Peter Atkinson, Sara Cohen, Ian Inglis, Kevin MacManus, James McGrath e talvez este escritor). Esses pesquisadores tentam oferecer diferentes perspectivas sobre os Beatles, já que cada um coloca o grupo dentro de várias questões vivas da história. Por exemplo, Sara Cohen é particularmente forte sobre como a autenticidade da música popular em Liverpool são contestadas e como a retórica do lugar precisa ser entendida como uma série de construções sociais complexas. Cohen sugere que Liverpool como uma "cidade da música" exige uma investigação profunda, pois essa pesquisa talvez remova, ou pelo menos desafie, estereótipos como Merseybeat.

Atkinson e Inglis, por outro lado, ficam fascinados com a forma como os novos sistemas de mídia britânicos da era pós-Segunda Guerra Mundial, como a Televisão Independente, ajudaram a chamar a atenção da evidência pública de um regionalismo crítico em todo o Reino Unido, representado , ao invés de instigado, por personalidades como os Beatles. Naturalmente, todos esses trabalhos são tão exclusivos quanto inclusivos, pois essa é a natureza da pesquisa acadêmica mais focada. No entanto, um quebra-cabeça de afeto, em vez de uma rede de confirmação, é sugerido por meio desse tipo de pesquisa "densa" ou "grossa" ¹⁴. Uma pequena duplicação de informações entre textos aparecerá inevitavelmente nesses estudos de tempos em tempos, mas, em geral, como consequência de cada acadêmico cultivar um sulco necessariamente solitário, agora temos uma série de questões e ambiguidades historiográficas a serem consideradas em relação às histórias dos Beatles e em torno deles, em vez do conjunto habitual de entregas de estoque - o que só pode ser uma coisa boa.

Conclusão

Em conclusão, talvez valha a pena mencionar brevemente o crescente número de romances nos Beatles no ciberespaço, sites "Slash Beatles" e "ficção em pessoa real" (RPF), alguns dos quais são anotados neste trabalho, pois esse ofício se desenvolveu discretamente durante o longo período. era da revolução de TI. Às vezes, podem ser divertidos e, outras vezes, um pouco bizarros, mas todos são de interesse historiográfico para o anotador. Aqui, talvez estejamos testemunhando o crescimento de uma nova historiografia sem recorrer a fatos ou lugares. Aqui também temos interpolações irônicas de proposições objetivas previamente supostas. Por exemplo, um relacionamento gay ficcional entre John e Paul, onde o último compra um presente para o dia dos namorados, questiona por sua presença aqueles até então secos, inexplicáveis e relativamente "anti-sociais"¹⁵ cronologias pelas quais os *literatos* dos

Beatlesoferecem seu sustento de "súditos". Aqui, todas as diretivas anteriores do mito são re-mitologizadas para diferentes modos de re-consumo. É através de obras tão inequívocas ficcionais que podemos testemunhar uma das fraturas mais autênticas do mito dos Beatles em nosso mundo em rápida mudança de imagem e cultura da informação, pois certamente a imaginação é onde nossas autenticidade estão localizadas.

Talvez também valha a pena considerar as noções de capital cultural e campo / área de Pierre Bourdieu para qualquer anotador de toda essa literatura popular. Certamente, deve-se ver a liturgia escrita dos Beatles e Merseybeat como existente dentro de uma arena em que diferentes agentes constantemente buscam reconhecimento. Ter autoridade é reconhecer, mas também selecionar, e, à medida que selecionamos, também desmarcamos. O que emergiu dessa pesquisa de literatura é que a escrita dos Beatles é evidentemente um processo social e parte de uma configuração emaranhada de autoridade. A historiografia dos Beatles também faz parte de um jogo de fantasias aparentemente autorizadas, projetadas não apenas para magnetizar os ordenados, mas também para perpetuar princípios. À medida que a maré literária dos Beatles cai e se dispersa no tempo e no espaço, entre suas águas, trabalham miríades de gotas isoladas que se formam como metônimos históricos e contextuais. Tais gotas não têm mais uma singularidade reconhecível e são, em vez disso, parte de uma afirmação de citação indefinida (de fato ficcional), uma das outras, *ad infinitum*.

1 O Dr. Mike Brocken é PhD em Música Popular pelo IPM - Instituto de Música Popular da Universidade de Liverpool. Ele é professor sênior de estudos de música popular na Liverpool Hope University e também diretor de curso e professor principal do mestrado "Beatles Popular Music & Society", na mesma universidade.

2 Por exemplo, como um Liverpool parecia "produzir" esse grupo em uma época e como outro Liverpool parecia explorar narrativas históricas muito específicas do grupo; também como o turismo relacionado aos Beatles em Liverpool se desenvolveu por meio de várias atividades empresariais específicas.

3 Connolly, Ray (2009), 'Beatleology', *Daily Mail on-line*, atualizados 7th março.

4 Davies, Hunter (2009), 'From Me To Universidade', *The Guardian*, 4th de março.

5 LONGHURST, Brian (r.2007), *Música Popular e Sociedade*, Cambridge: Polity, p.150. Longhurst continua afirmando que tais termos musicológicos são: "não usados de maneira neutra [...] Na visão de [Richard] Middleton, um termo como melodia sugere algo a ser valorizado, enquanto a melodia pode sugerir uma forma banal cotidiana". [*ibid*]

6 Por exemplo, respostas de jornais locais à morte de Lennon; itens da Capital Europeia da Cultura antes e depois de 2008 da imprensa sediada em Liverpool sobre o turismo dos Beatles; Líderes de *variedades em* relação aos lucros dos Beatles nos EUA, etc.

7 Em 1972, o grupo *T Rex* estava no auge do que veio a ser conhecido na imprensa britânica como 'T-Rexstacy'; eles já haviam desfrutado de três hits do

Top 10 no Reino Unido e seu marco histórico em 1971, *Electric Warrior*, estava no topo das paradas de álbuns. Alguns críticos de música do Reino Unido estavam declarando que eram "maiores que os Beatles". Para comemorar seu sucesso, o líder do grupo Marc Bolan concordou em fazer duas apresentações no Wembley Empire Pool, em Londres. Ambos os concertos foram esgotados e foram capturados em filme por Ringo Starr, e lançado como o filme de concerto *Born To Boogie*. O filme é centrado nas duas apresentações ao vivo (com Ringo Starr e Elton John convidado estrelando em duas músicas) e é intercalado com um conjunto acústico filmado na mansão de John Lennon. Também há cenas nos bastidores de Bolan, junto com algumas seqüências surreais de freiras e anões.

8 A expressão "inkies" em relação à imprensa musical britânica refere-se a jornais como *NME (New Musical Express)*, *Disc* (mais tarde *disco e eco da música*), *Melody Maker* e (mais tarde) *sos*. Esses jornais semanais eram inicialmente papéis comerciais pouco disfarçados, mas evoluíram para importantes porta-vozes dos fãs de música em tempos de mudanças rápidas. Sua etiqueta "inkie" veio do fato de serem produzidas exatamente como um jornal semanal (isto é, "quentes nas prensas") e impressas em papel de baixa qualidade, tornando as mãos "manchadas de tinta" à medida que os jornais eram lidos. Hoje em dia, o único sobrevivente é a NME.

9 Correlacionadamente, é também a partir desse período que as pupas do turismo dos Beatles em Liverpool começam a emergir gradualmente - um nascimento difícil, de fato.

10 KAIJSER, Lars (2010), autoridade entre fragmentos; Reflexões sobre a representação dos Beatles em um cenário turístico, em JARNIEWICZ, Jerzy e KWIATKOWSKA, Alina [eds.] (2010), *Cinqüenta anos com os Beatles: o impacto dos Beatles na cultura contemporânea*, Lodz [Polônia]: University Press.

11 *Post hoc ergo propter hoc* é latim: "Depois disso, portanto, por causa disso". Eventos do tipo **A** acontecer imediatamente antes de eventos do tipo **B**. Portanto, eventos do tipo **A** causam eventos do tipo **B** e o evento **B de alguma forma está vinculado ao evento A**. No caso de narrativas via fotografias, há uma falácia de que todas as fotografias dos Beatles estão intrinsecamente ligadas entre si e que uma narrativa autêntica pode ser criada através de uma cadeia cronológica linear selecionada. Um problema é que as fotografias são tiradas por pessoas que geralmente não estão nas fotografias, criando assim uma impressão falaciosa de continuidade através da presença de seus sujeitos. Também que, é claro, essas narrativas lineares são historicamente insustentáveis; ainda assim eles predominam através de álbuns de fotos da vida dos famosos.

12 Walter Podrakik a Larry Kane (2005), *Lennon Revealed*, Filadélfia: Running Press, pp. 124-125

13 McGrath, James (2010), Cortando uma cebola de vidro: lendo a história e o legado dos Beatles, em JARNIEWICZ, Jerzy e KWIATKOWSKA, Alina [eds.] (2010), *Cinquenta anos com os Beatles: o impacto dos Beatles em Cultura Contemporânea*, Lodz [Polônia]: University Press, p.314.

[14](#) Deve-se notar também que há uma longa tradição na análise da música popular acadêmica finlandesa, e boa parte disso gira em torno das obras dos Beatles. Tais textos são principalmente musicológicos e alguns podem ser encontrados listados nesta bibliografia; muitos, no entanto, usam formas bastante ultrapassadas e inadequadas de musicologia, mas todas são de interesse.

[15](#) 'Anti-social' no sentido 'emic': ou seja, poucos fora da base de fãs hermeticamente selada dos Beatles realmente leem essas coisas.

Revista Brasileira de Estudos da Canção

© 2012-2015 Todos os direitos reservados.